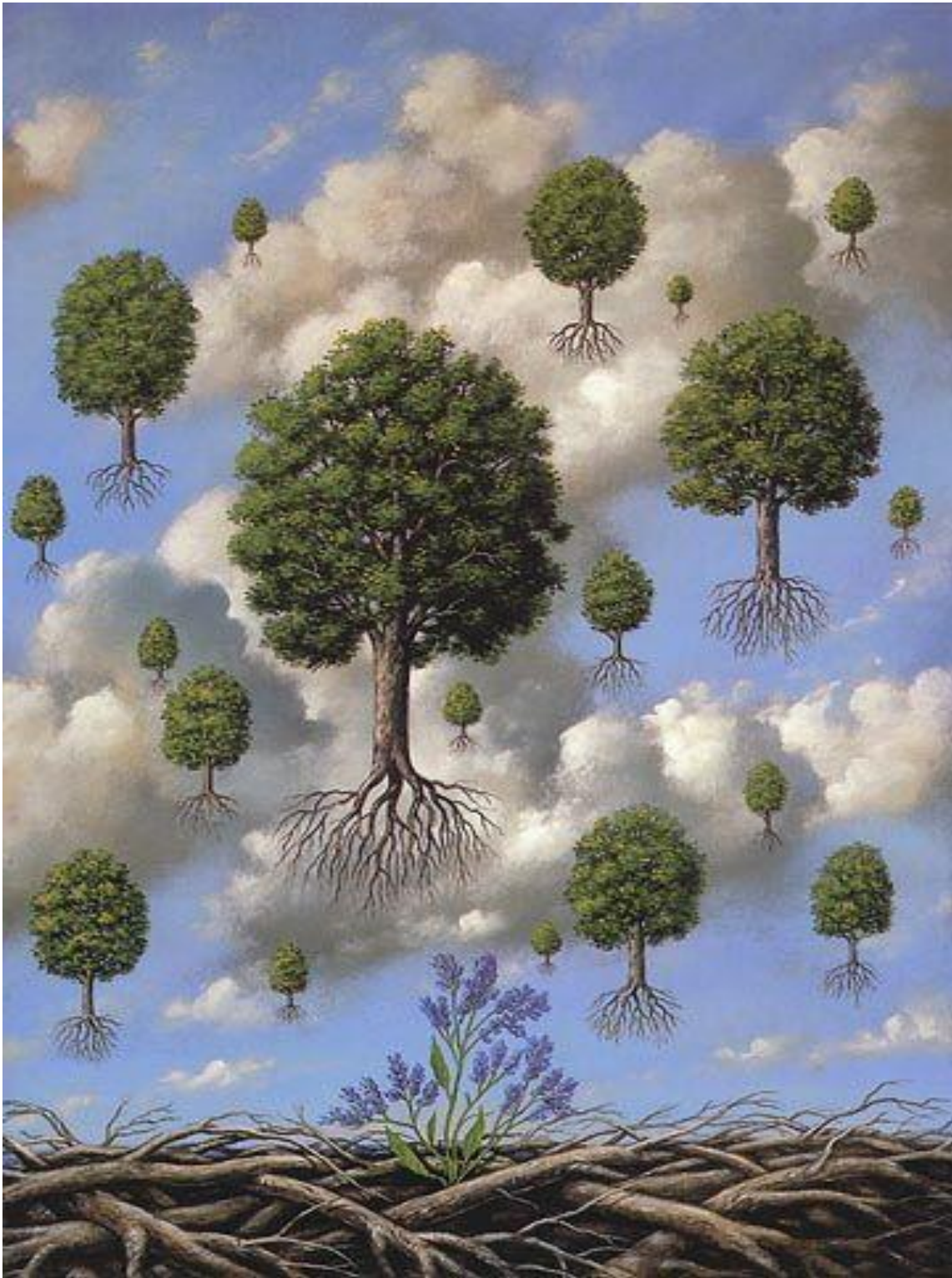


# O dia em que aprendi a ser psicóloga

*Beatriz de Paula Souza*



Obra de Rafal Olbinski

Entre na universidade em meados da década de 1970, tempos de Ditadura, vinda de um colégio de freiras só para moças. Logo na semana de calouros, conheci vários subversivos. Eram coloridos, hippies, interessantes, contavam a história do Brasil de um jeito diferente do que sempre aprendera (Duque de Caxias, o herói, carrasco?). Falavam de luta de classes, de exploração, opressão, repressão... Do mundo ser bem diverso daquele bonitinho em que eu vivera até então. O rei estava nu e a bailarina tinha perebas!

A vida universitária borbulhava e eu queria essa efervescência inteira! As aulas, os grupos de estudo organizados por estudantes, as festas, a maconha, as viagens de mochilão para o mato. O centro acadêmico (que não podia se chamar centro acadêmico porque a Ditadura não deixava), as reuniões no domingo cedinho para fazer análise de conjuntura, as assembleias estudantis, as passeatas, ir para São Bernardo ver o Lula falar na assembleia de metalúrgicos, as reuniões de escrita de carta-programa... Minha casa era só para dormir e nem todas as noites.

Mas ia me formar. No último ano da faculdade, precisava tomar pé do mundo “lá fora”, melhorar minhas chances de conseguir trabalho na profissão que escolhera ainda no ginásio (hoje Ensino Fundamental II). Sair da bolha acadêmica, ver a profissão fora dela, limpar ranços.

Conheci uma psicóloga de um Centro de Saúde reconhecido pela boa qualidade dos atendimentos. Pedi para ser sua estagiária voluntária e fui aceita. Ela me passaria casos para psicodiagnóstico e me daria supervisão.

Animada, recebi um menino de uns nove anos, acho. Ou seriam sete? Não me lembro dele... Busco sua imagem, uma impressão, uma marca qualquer e não vem nada à memória... É como se nunca o houvesse visto ou estado com ele. Foi meu primeiro “paciente” fora da faculdade, então deveria lembrar-me de algo...

Mas recordo-me bem do que fiz com ele. Como aprendi na faculdade e fui orientada pela supervisora, apliquei-lhe uma bateria de testes: o WISC, o Raven, HTP, CAT, Bender e, como ele tinha problemas na alfabetização, o Columbia. Caprichei nas aplicações e, empolgada, debrucei-me dedicadamente sobre o material colhido. Fiz correções e calculei pontuações com cuidado, elaborei relatórios minuciosos. Procurei ser a melhor psicóloga possível. Fui parabenizada pela minha supervisora, por esse trabalho.

Percebo, agora, que minha relação forte foi com os testes e o que, com eles, extraí desse menino de quem não me lembro...

Contas e análises feitas, a conclusão diagnóstica era Deficiência Mental Leve. Juntas, a psicóloga e eu preparamos a entrevista devolutiva com a mãe, para comunicar o resultado e dar as orientações pertinentes. Eu lhe diria que seu filho teria sempre limitações pela vida, embora com um bom grau de autonomia. Mas que nem ela, nem ninguém, esperasse muito dele, pois seria exigir mais do que ele tinha para dar e isso o faria sofrer sem nada adiantar.

Essa preparação foi feita com tranquilidade, como se fosse comunicar a alguém que o grãozinho que trouxera para ser examinado era milho de pipoca. Aquecendo do jeito certo, ele estouraria e viraria um floquinho comestível. Bem, na verdade, esse não é um bom paralelo, pois essa narrativa poderia trazer um sentimento de encanto com a pipoca e seus poderes mágicos. E o único encanto que havia, nessa reunião preparatória, era o que envolve uma mestra experiente e sua aprendiz dedicada ao realizarem um exercício formativo. O que nos emocionava era ler e interpretar juntas o material, planejando com correção os procedimentos que ele indicava. Tudo muito técnico.

Percebo, agora, que nossa relação forte era com a interpretação e o planejamento de ações a partir do material que eu conseguira. Mas onde estava, quem era esse menino? E sua mãe?

Momento da entrevista devolutiva. Entra a mãe na “minha” sala. Cumprimento e faço o discurso preparado, meio como aqueles guias de turismo que decoram o que têm de falar sobre cada monumento histórico que apresentam. Queria ser boa psicóloga e, portanto, ser objetiva e concisa em minha comunicação.

Percebo, agora, que minha relação forte era com o que planejava mostrar e dizer, meu roteiro.

Estava diante de mim um objeto de cena. Devolutiva “é” assim: um semovente entra, senta-se na cadeira em frente à psicóloga e esta é a deixa para ela dizer a sua fala.

O objeto deveria ficar ouvindo minhas informações e orientações. Escutar compenetrado que, baseada em cuidadoso e documentado trabalho, usando instrumentos científicos sofisticados, eu descobrira que aquele grãozinho era um milho de pipoca. Aprender sobre como ele iria estourar e virar um floquinho comestível. Ouvir que, com um salzinho, ficaria mais gostoso, menos insosso.

À medida em que eu desempenhava meu papel, dava meu texto, o objeto de cena começa uma inesperada metamorfose. Sua face torna-se expressiva, contrai-se, seu olhar enche-se de dor, horror, desespero e lágrimas. Seu corpo torna-se tenso, acompanhando seu semblante. Tanto sendo dito, mas não com palavras. Atônita diante da interrupção do meu texto, emudeço também.

O objeto rompera o *script*, o roteiro!

Sua metamorfose completa-se e ele torna-se pessoa. Uma mulher a quem fiz sofrer imensuravelmente. Uma mãe que exasperei, como se eu tivesse jogado seu filho em um abismo, sem que ela pudesse fazer um gesto para conter a queda. O que fiz, o que fiz?

Percebo, agora, que finalmente apareceu um rosto em minha memória.

Surgiu o semblante de uma mulher miúda, de longos cabelos negros, espessos e lisos. Pele morena, provavelmente de origem indígena. Sem adereços, trajando um vestido sem estampas. Uns trinta e poucos anos.

Perdão, perdão, perdão... Onde você está? O que aconteceu com seu filho depois disso? Você acreditou em mim? Queria te contar que, hoje, não sei

se acredito no que te disse nesse dia. Será que ele era deficiente mesmo? Não sei... Trabalhei tanto com esses testes e vi tantas crianças que, quando brincava com elas, quando estavam à vontade comigo, quando ficava sabendo o que faziam bem em outros lugares, elas me mostravam o quanto os testes podem errar... Tantos psicólogos e estudantes de psicologia a quem orientei viram o mesmo...

Queria te dizer que, ainda que ele estivesse com uma deficiência intelectual naquele momento, que nem você e nem ninguém nunca deixasse de apostar nele: falta de aposta, como a que a minha fala incentivou, mata. E, ainda, que ele poderia mudar; há muitas histórias assim.

Percebo, agora, como eu não integrava quem era no ativismo político e na clínica psicológica. Em um, orientava-me o amor, o cuidado e a defesa das pessoas; em outro, o amor, o fascínio e a fé nos instrumentos padronizados de avaliação psicológica (inclusive a anamnese).

Naquele dia, você me ensinou a ser psicóloga.

São Paulo, 8 de março (Dia Internacional da Mulher) de 2020